

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO INTERDISCIPLINAR
DE ESTUDO E PESQUISA DO
IMAGINÁRIO SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ANO XVI
VOLUME 24
NÚMERO 2
(JAN-JUN)
2016
PP. 448-469.

O TERMO PRESENTE – “EXPERIÊNCIA”: TRABALHADORES NO UNIVERSO DAS USINAS DE AÇÚCAR NA REGIÃO DO VALE DO SÃO LOURENÇO-MT

(ABOUT THERMO PRESENT - "EXPERIENCE": WORKERS IN THE UNIVERSE OF SUGAR MILLS ON THE REGION OF THE ST. LAWRENCE VALLEY - MT)

RODOLFO SOUZA COSTA

Mestrando em História pela Universidade Federal de Mato Grosso

rodolfo_12roo@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho analisou o cotidiano de trabalhadores canavieiros sazonais e locais, na região do Vale do São Lourenço-MT, entre os anos de 1972 e 2012, que apesar de desempenharem papel importante nesse setor produtivo, tem passados despercebidos na historiografia mato-grossense. Analisou-se grupos variados de trabalhadores residentes nos quatro municípios que integram o Vale do São Lourenço, sendo eles: Jaciara, São Pedro da Cipa, Dom Aquino e Juscimeira, no estado de Mato Grosso. A pesquisa de modalidade qualitativa realizada por meio de aplicação de entrevista semi-estruturadas com os próprios trabalhadores canavieiros, analisou aspectos como nível de escolaridade, renda, a ocorrência de mudanças e permanências no mundo do trabalho dos mesmos e, sobretudo, as relações que são estabelecidas entre os referidos trabalhadores e o mundo do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho. Setor Canavieiro. Experiência.

ABSTRACT: This study analyzed the daily seasonal sugarcane workers and local, in the region of the St. Lawrence Valley, MT, between the years 1972 and 2012, which despite play important role in this productive sector, has passed unnoticed in Mato Grosso historiography. It analyzed different groups of workers living in the four municipalities that make up the St. Lawrence Valley, as follows: Jaciara, São Pedro da Cipa, Dom Aquino and

O TERMO PRESENTE – “EXPERIÊNCIA”: TRABALHADORES NO UNIVERSO DAS USINAS DE AÇÚCAR NA REGIÃO DO
VALE DO SÃO LOURENÇO-MT,
DE RODOLFO SOUZA COSTA

Juscimeira in the state of Mato Grosso. The qualitative type of research conducted through semi-structured interview application with own sugarcane workers, analyzed aspects such as level of education, income, the occurrence of changes and continuities in the working world of the same and, above all, the relationships that are established between those workers and the world of work.

KEYWORDS: Work. Sugarcane industry. Experience.

INTRODUÇÃO

Avanço da produção, expansão das fronteiras agrícolas, aumento da exportação etc., são estes os termos que trazem as manchetes dos jornais e revistas sempre que o assunto tratado se relaciona com o setor sucroalcooleiro no estado do Mato Grosso.

A cana-de-açúcar que encontrou fácil adaptação no clima e solo brasileiro desde os primeiros anos da colonização do Brasil expandiu-se por diversos estados do território nacional e encontrou “terreno fértil” no estado de Mato Grosso, especialmente no Vale do São Lourenço, fator que implicou na implantação das Usinas Jaciara e Pantanal, no município de Jaciara, no início da década de 1970.

O que chama a atenção nos noticiários, é que a produção sucroalcooleira quase sempre é evidenciada pelos elevados números e índices percentuais que alcança. Raras são as vezes em que os meios de comunicação trazem em suas manchetes notícias que evidenciem a importância dos trabalhadores que estão por trás de toda produção, e que fazem parte de todo o processo produtivo, desde o preparo do solo, o plantio

da cana até seu produto final, seja ele o açúcar, o álcool ou algum outro derivado.

A vida desses trabalhadores, as relações constituídas por eles no dia a dia de trabalho nas lavouras canavieiras, os desafios e superações cotidianas parecem insignificantes para a sociedade, haja vista que o mundo do trabalho e do trabalhador rural pouco tem sido explorado na historiografia mato-grossense. Essa invisibilidade tem se manifestado em distintos setores da sociedade e principalmente nos livros didáticos que tem mostrado cada vez menos interesse em abordar a história regional.

Em “A miséria da teoria ou um planetário de erros - uma crítica ao pensamento de Althusser”, E. P. Thompson dedica um capítulo de sua obra intitulado “O termo ausente: Experiência”, para apontar a ausência deste nas obras de Althusser e ao mesmo tempo chamar a atenção para a importância da experiência humana para a historiografia. “O que descobrimos (...) está num termo que falta: “experiência humana”. É esse, exatamente, o termo que Althusser e seus seguidores desejam expulsar, sob injúrias, do clube do pensamento, com o nome de “empirismo”.” (THOMPSON, 1981, p. 182). É sob a luz do conceito de “experiência” do referido autor, que o título deste artigo faz referência ao

termo presente: experiências de trabalhadores canavieiros, a serem aqui apresentadas.

Thompson destacou-se no Brasil, sobretudo como um historiador da “história vista de baixo”, tendo a classe operária inglesa do século XVIII como um dos principais focos de seus estudos. O interesse pelas experiências de homens e mulheres comuns (camponeses e operários) marcam algumas de suas principais obras como “A miséria da teoria”, os três volumes de “A formação da classe operária inglesa”, “Costumes em comum”, entre outros.

Nesse sentido, este estudo buscou tirar da invisibilidade homens e mulheres comuns, que vendem suas forças de trabalho nas lavouras canavieiras da região do Vale do São Lourenço – MT, que segundo Thompson (1981), por meio da experiência humana, “retornam como sujeitos (...), que experimentam suas situações e relações produtivas como necessidades e interesses (...), tratam em suas consciências e cultura (...) e em seguida (...) agem sobre sua situação determinada.”

VALE DO SÃO LOURENÇO-MT: LUGAR DE INÚMERAS VIVÊNCIAS

A região do Vale do São Lourenço é formada por quatro municípios, sendo eles: Jaciara, Dom Aquino, São Pedro da Cipa e Juscimeira. Tem hoje 57 anos de emancipação política e administrativa, tomando por base a emancipação do mais antigo município que a compõe – Jaciara, e também Dom Aquino, com 57 anos, Juscimeira com 34 anos e São Pedro da Cipa com 24 anos.

O Vale do São Lourenço está localizado na mesorregião sudeste matogrossense, na microrregião de Rondonópolis, distante 140 km da capital do estado, Cuiabá, que é o município mais próximo no sentido norte.

A caracterização como “Vale” se deve à sua condição geográfica, de uma planície rodeada por morros, o que dá tal impressão. Já, o fato de o principal rio que banha todos esses municípios ser denominado São Lourenço, trouxe como decorrência a denominação Vale do São Lourenço.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE -, no último censo realizado em 2010 sua população era de 49.398 habitantes, sendo que a maior parte destes reside no município de Jaciara, onde se localizava as usinas Jaciara, hoje desativada e usina Pantanal, sob nova

administração leva tem atualmente o nome Usina Porto Seguro.

Em 10 de dezembro de 1962 o governo do estado de Mato Grosso, pela Lei 1765, criou a Usina Jaciara, que teve sua implantação iniciada logo no ano seguinte (1963).

Para seu rápido funcionamento, a maior parte dos equipamentos foi reaproveitada das usinas Santa Fé e Conceição (ambas de propriedade do governo na região sul do estado, hoje Mato Grosso do Sul). Já em 1965 produziu sua primeira safra.

No ano de 1972 a empresa foi privatizada pelo Grupo Naoum – sociedade entre irmãos - que já possuía uma usina, no município de Santa Helena, estado de Goiás. Com esse feito, houve uma mudança radical nos maquinários, chegando-se à modernização da usina, iniciando-se um novo tempo, com o plantio da cana se expandindo e, conseqüentemente, a produção aumentando, ensejando a demanda por mais mão de obra.

Desde que essas usinas foram privatizadas, elas vem sendo o motor gerador da economia local. O setor sucroalcooleiro é o que mais emprega trabalhadores na região, tanto locais quanto migrantes oriundos do nordeste brasileiro.

O trabalhador migrante tem sempre prioridade para ocupar as vagas de emprego nas usinas do Vale do São Lourenço. Segundo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jaciara, os trabalhadores locais “*dão muito trabalho, faltam demais, pegam muito atestado, são sempre os que querem fazer greve! Reclamam de tudo... Já os que vêm de fora são tranquilos, trabalha a safra toda sem prejuízo*”ⁱ

A fala do Sr. Francisco Canindé permite compreender que esta “predileção” pelo trabalho de migrantes se dá devido ao lucro que eles proporcionam aos usineiros, uma vez que buscam compensar todas as dificuldades sentidas pela distância de seus lares e familiares com o trabalho. Ou seja, para fazer valer à pena a dor da saudade daqueles que ficaram, os trabalhadores sazonais que só voltarão a encontrá-los cerca de oito meses depois, dedicam-se a jornadas exaustivas de trabalho, para que no retorno às suas cidades de origem eles tenham recursos para lá viver algum tempo, podendo, por exemplo, comprar bens de consumo de que carecem. Pela fala do sindicalista, pode-se dizer também que esses trabalhadores não têm a mesma consciência de direitos dos trabalhadores locais, pois estes “*...querem fazer greve! Reclamam de*

tudo”. Ou seja, eles procuram lutar pelos seus direitos, o que não é regra geral entre os trabalhadores brasileiros.

Nas duas primeiras décadas de implantação, as citadas usinas costumavam contratar o trabalho familiar. O fato de as usinas usarem o trabalho de todos os membros da família contribuiu à migração de pessoas de diversas regiões brasileiras para o Vale do São Lourenço, principalmente do Nordeste, que, historicamente, tem sido relegado ao atraso, apresentando um grande número de trabalhadores em situação de vulnerabilidade social e econômica, sem acesso ao trabalho formal ou à remuneração condizente com suas demandas familiares.

Os trabalhadores que migram de seus lugares de origem e se fixam no Vale do São Lourenço com os membros de suas famílias, aparentemente são melhor acolhidos pela população local, pois o fato de os municípios serem pouco populosos permite que eles estabeleçam relações de amizade e fraternidade com a vizinhança.

Já, os trabalhadores sazonais do sexo masculino que lá chegam e sem suas famílias, são vistos com um olhar diferente, marcado pelo preconceito, inspirando medo em alguns e piedade em outros, ou os dois sentimentos ao mesmo tempo. Eles vem destinados a

trabalhar no período compreendido entre os meses de abril e novembro. É quando a população do Vale do São Lourenço cresce significativamente, tornando-o um espaço habitado por pessoas com costumes e culturas diferentes, o que desafia ainda mais suas formas de convívio.

Categorias diversas de trabalhadores canavieiros, que ocupam de maneiras diferentes o Vale do São Lourenço, tornam possível vê-lo como espaço vivido, onde, tomando como referência o que é dito por Marcos Silva, “(...) ocorrem experiências vivenciadas pelos grupos dominados, englobando paisagem, relações pessoais, memória familiar e de grupos de convívio em etapas etárias, condição sexual, profissão, escolaridade, tradições e práticas associativas, dentre outras possibilidades”ⁱⁱ.

TRABALHADORES CANAVIEIROS E O MUNDO DO TRABALHO

Mediante as entrevistas realizadas com os trabalhadores do setor canavieiro, no VSL-MT, verifiquei que atualmente aqueles que atuam nas usinas Jaciara e Pantanal estão na faixa etária de 21 a 55 anos de idade, sendo que a maioria não completou nem o ensino

fundamental. Em se considerando as religiões, há uma predominância entre eles de protestantes e católicosⁱⁱⁱ.

Esse mundo do trabalho é formado por homens e mulheres da própria região, mas, sobretudo migrantes que se fixaram na região e migrantes sazonais que tem suas vidas de trabalho alternadas durante o ano, pois chegam no Vale do São Lourenço geralmente entre os meses de março e abril, início da safra da cana-de-açúcar e retornam para seus lugares de origem a partir dos meses de novembro e dezembro, com o término da safra e aguardam até o início da próxima safra para voltarem ao trabalho nas lavouras canavieiras.

Durante o período em que voltam para seus lugares de origem, muitos desses trabalhadores lidam com a agricultura, comércio ou fazem os chamados “biscates” – atividades informais e temporárias.

Desde as primeiras levas de migrantes nordestinos que chegaram a região do Vale do São Lourenço no início da década de 1970 até o ano de 2012, em que a pesquisa foi realizada, os depoimentos dos entrevistados apontam que entre alguns dos motivos que os levaram para lá estão, sobretudo as propagandas veiculadas nos meios de comunicação, sobretudo a TV, em que apresentam o estado de Mato Grosso como um estado promissor, de muitas oportunidades, e em

particular a região do Vale do São Lourenço porque é uma das poucas região no estado em os trabalhadores ainda conseguem competir com as máquinas, devido grande parte dos terrenos serem acidentados, o que dificulta e muitas vezes inviabiliza o trabalho com as máquinas.

Nas lavouras de cana-de-açúcar do Vale do São Lourenço é possível se deparar com muitas maquinas, mas nada que possa ser comparado à quantidade de homens e mulheres a perder de vistas que ainda compõe esse setor.

Os trabalhadores que migraram em busca de trabalho nas lavouras canavieiras e/ou chegaram já contratados pelas usinas, como mencionado anteriormente, tem uma predileção no ato de contratação, sobretudo os de sexo masculino com idade entre dezoito e trinta anos. Isso em outras palavras pode ser entendido como “preferência” por quem mais pode oferecer força de trabalho.

Esse fator tem dois lados opostos: o trabalhador migrante sazonal geralmente enseja pela aquisição de dinheiro e bens de consumo, o dinheiro para se manter e pagar suas despesas onde está trabalhando (no Vale do São Lourenço), para assegurar o sustento da família que deixou para trás temporariamente e ainda guardar

para quando voltar ter que se manter durante o período que lá ficará até o início da próxima safra. Por outro lado, para se alcançar uma melhor remuneração no final do mês é necessário que o trabalho seja redobrado, uma vez que o ganho se dá por produção. Nesse sentido o trabalhador muitas vezes ultrapassa a sua capacidade física no exercício do trabalho, chegam até a desobedecer ao horário do almoço e descanso, a fim de aumentar sua produção. Doenças causadas por movimentos repetitivos dos braços, problemas respiratórios e pulmonares, dores de cabeça, câimbras, entre outras são acontecimentos que se naturalizam na vida dos trabalhadores canavieiros, além dos acidentes de trabalho e até mesmo mortes, que não se dão necessariamente em meio as plantações de cana-de-açúcar, mas em suas casas, nos leitos dos hospitais, muitas vezes tempos após deixarem o trabalho nas lavouras.

Os trabalhadores migrantes sazonais geralmente trabalham em ritmo muito intenso, a fim de terem um salário melhor no fim do mês. Avalio que o fato de estarem longe de suas famílias, em condições não confortáveis em suas residências coletivas, faz com que todas as dificuldades enfrentadas no mundo do

trabalho e também fora deste, compensem o tempo e a distância de seus familiares e de suas cidades de origem.

No setor canavieiro existe uma divisão técnica do trabalho, pois uns cortam cana queimada, outros cortam cana crua; há os fiscais de frente, responsáveis pela medição da cana cortada; além dos motoristas de ônibus. Também o setor canavieiro conta ainda com dois subsetores exclusivamente femininos, denominados “bituca” e “broquinha”. Adiante veremos o que os trabalhadores fazem nos mesmos.

É importante registrar que os trabalhadores canavieiros não são contratados para realizar uma tarefa apenas, pois conforme as necessidades da empresa e as circunstâncias do dia a dia eles são encaminhados para realização de outras atividades. Por exemplo: se eventualmente não dá para cortar cana, ou então se não estiver no período da safra, ou seja, no tempo da colheita da cana, aqueles que se dedicam normalmente a essas tarefas vão carpir a terra, atividade essa que eles denominam “carpa da cana”.

Para o trabalhador do setor canavieiro o dia começa ainda de madrugada. Eles levantam por volta das quatro horas da manhã. As mulheres geralmente levantam mais cedo que os homens, para preparar o almoço e colocá-lo na marmita, que é levada para o local

de trabalho onde eles farão também a refeição. Essa rotina inclui ainda juntar as ferramentas que utilizarão no trabalho e o deslocamento até o ponto de ônibus, onde serão recolhidos.

O transporte não é agradável, pois os ônibus geralmente são velhos e não oferecem conforto algum aos trabalhadores. Além de serem inseguros, batem demais e fazem muito barulho, mas ainda assim são melhores que os transportes utilizados até o final da década de 1990, os chamados “pau-de-arara” (caminhões todo aberto com algumas escoras de madeira, sem bancos) e os “furgões” (caminhões todo fechado com compensados de madeira, com bancos de madeiras).

A viagem até a usina é curta. Eles vão primeiro para a usina, para saber em qual zona de cana cada turma irá. Cada ônibus constitui uma turma com cerca de vinte e cinco a trinta trabalhadores, contando com o fiscal de frente, que também é o líder da turma. Dependendo do lugar onde irão cortar cana, a viagem pode durar até quarenta minutos, em estradas não pavimentadas, o que torna o dia ainda mais cansativo, a começar pelo deslocamento de casa ao lugar de trabalho.

A lida no corte da cana pode começar entre seis horas e trinta minutos e sete horas da manhã aproximadamente, dependendo da distância do canavial que irão trabalhar no dia. Chegando ao canavial, munidos de suas ferramentas e equipamentos de proteção: facão, gancho de madeira para puxar a cana, lima para amolar os facões, botas, caneleiras, óculos de sol, bonés etc., os trabalhadores começam a se preparar para o corte da cana.

Mas antes de dar início à jornada de trabalho, obrigatoriamente todos os trabalhadores, inclusive os fiscais e motoristas de ônibus, realizam a ginástica laboral. Há aproximadamente oito anos, a ginástica laboral foi estabelecida como uma atividade obrigatória nas referidas usinas, visando prevenir os trabalhadores de dores musculares e outros problemas, como acontecia muito anteriormente.

Alguns trabalhadores antes de começarem o trabalho, já fazem suas refeições. Segundo eles, é preferível almoçar na hora que chegam às lavouras, por volta de sete horas, pois a comida ainda está quente e não corre o risco de estragar. Por outro lado, a viagem cansativa provoca fome, mais uma razão para antecipar a refeição. É o que diz a trabalhadora Nely ao ser entrevistada: “A minha bóia eu já bato a hora que chego,

o batidão do ônibus dá uma fome, além de que não dá tempo de azedá. As veiz o dia tá quente demais, a comida azeda, a gente num fica com fome porque todo mundo dividi, mais é ruim, cada um já leva o seu, né?”.

No depoimento acima é possível perceber ainda, que nas relações de trabalho que são estabelecidas cotidianamente entre os trabalhadores canavieiros, existe uma prática de partilha e de solidariedade, em que as pessoas se ajudam conforme a necessidade de cada um, a ponto de dividirem suas refeições quando é preciso. Essa solidariedade acontece também em situações em que está findando a jornada de trabalho e um determinado trabalhador ainda está longe de terminar as ruas de cana que lhe foram atribuídas a cortar naquele dia, então os demais trabalhadores que alcançaram suas metas diárias ajudam esse trabalhador a terminar as suas ruas de cana, fator que evita que esse trabalhador seja prejudicado no final do mês no seu ganho.

A propósito da segurança e proteção dos trabalhadores, diferente de outros tempos, conforme veremos a seguir, nos dias de hoje são disponibilizados a todos os trabalhadores os EPI's – Equipamentos de Proteção Individual, que é composto de boné com abas, botinas, luvas, perneiras, óculos. Além dos EPI's, as

usinas disponibilizam soros hidratantes, que são distribuídos diariamente entre os trabalhadores.

Sobre as condições de trabalho no setor canavieiro, é possível verificar que no decorrer dos anos, desde que as usinas foram implantadas na zona rural do município de Jaciara, no ano de 1972, e que era predominante o trabalho familiar, inclusive o infantil, se comparadas às de hoje, houve expressivas mudanças que trouxeram melhorias. Isso pode ser constatado no depoimento do entrevistado Elizaldo, que trabalha na usina Jaciara desde que chegou a Mato Grosso em 1972, quando era ainda criança:

Trabaiá na usina hoje é otra coisa. Naquele tempo, quando a gente vei da Bahia, em 72, não tinha nada disso que tem hoje. Nós era tudo muleque, trabaiava de chinelo; quem quiria os instrumento tinha de comprá porque a usina não dava nada. Até discalço a gente trabaiava e nem ligava. Com o tempo, depois que chego as leis prá cá, ai a usina começo a dá luva, sapatão, óculos, canelera e bonel (...).^{iv}

Vê-se que antes os trabalhadores precisavam, inclusive, comprar seus instrumentos de trabalho, além do que iam para o trabalho em condições inadequadas:

descalço, de chinelo. É interessante observar no depoimento de Seo Elizaldo, que as melhorias nas condições de trabalho, com a adoção de proteção aos trabalhadores, começaram a acontecer “*depois que chego as lei prá cá*”. Ou seja, tais medidas não foram adotadas por conta da bondade dos empresários, mas como observância às leis trabalhistas, o que é uma obrigação dos mesmos – e também dos trabalhadores - cumprirem.

Sabe-se que o trabalho infantil não é algo que vem ocorrendo somente nos dias de hoje. No Vale do São Lourenço ele acontecia já naquele período. Nos tempos iniciais das usinas, as crianças eram submetidas ao trabalho infantil no setor canavieiro e seus pais e elas sequer tinham a consciência que isso era um tipo de violência. A criança precisa estudar, brincar ter infância, e na época, não tinham nem direito a condições dignas de trabalho. Elas eram levadas por seus pais, para as lavouras, e trabalhavam junto com os adultos.

Os EPI's foram criados para proteger o trabalhador. Mas tais instrumentos são alvos de muitas reclamações pelos próprios trabalhadores, pois muitos deles não se adaptam ao corpo, ao clima da região ou ao serviço que realizam, o que faz com que muitos deixem de usá-los longe da vista dos seus fiscais, pois os

mesmos podem aplicar-lhes advertência, caso constatem o desuso.

As reclamações mais frequentes são em relação aos óculos de sol, que eles chamam de “*ray-ban*”. Segundo dizem, os óculos suam, embaçam e sujam de carvão quando a cana é queimada, dificultando assim a visão. Por esse motivo muitos deixam os óculos sobre a testa e colocam sobre os olhos apenas quando os fiscais se aproximam, pois temem levar advertência e “*gancho*” (dia sem trabalhar com desconto no pagamento).

A não adaptação a esse instrumento de segurança, deixa o trabalhador à mercê de riscos, pois este o usa somente quando vê os fiscais se aproximando. Essa situação precisa receber maior atenção, tanto de empresários que fabricam tais instrumentos, quanto do próprio Ministério do Trabalho, que fiscaliza o cumprimento de leis trabalhistas, para que este exija dos patrões que os trabalhadores tenham acesso a instrumentos de proteção condizentes com sua realidade. E que estes também o utilizem pois trazem proteção e segurança.

Segundo alguns que trabalharam e/ou trabalham desde a década de 1980 como canavieiros, o processo de corte de cana antes consistia em cortar retângulos

com 6 metros de larguras, em cinco ruas, por um comprimento que variava por trabalhador, de acordo com o que este conseguia cortar durante um dia de trabalho. A esse modo de cortar cana por retângulos, os trabalhadores chamavam de “corte por oito”. O comprimento do oito variava de trabalhador para trabalhador, pois dependia do ritmo de trabalho e da resistência física de cada um.

Atualmente, o processo de corte da cana apresenta algumas mudanças. Os trabalhadores das usinas do Vale do São Lourenço iniciam o corte da cana por volta de 06h30min e 07h00min horas da manhã, quando o fiscal distribui o oito, que pode ser de cinco ou sete ruas de canas. Geralmente são cinco ruas. As entrevistas com os trabalhadores apontam que a produção rende mais no período manhã, pois o calor do sol é menos intenso.

As usinas Jaciara e Pantanal já adotaram duas formas de medir o que o trabalhador produz em um dia de trabalho. Uma, é pelo comprimento do oito, medido por metro quadrado; a outra é pelo peso de cana cortada, medido por tonelada. Porém, esta última não tem sido aceita pelos trabalhadores, que por diversas vezes protestaram contra ela, pois os mesmos não conseguiam controlar a medida e nem o valor do seu

trabalho. Já, a medição por eitos, os trabalhadores conseguem acompanhá-la por meio das anotações dos fiscais, que a fazem por meio de um compasso.

A cana não tem um preço fixo por metro: ele varia dependendo do tipo de cana que é cortada - se ela for pesada ou “caída” o preço é melhor. Mas quando a cana é caída, torna-se mais difícil de ser cortada. Portanto, os trabalhadores não tem um salário fixo. O que recebem depende da produção de cada um e do tipo de cana que o trabalhador corta durante o mês.

De forma geral, percebi por meio das entrevistas que a maioria dos entrevistados tem um salário em torno de R\$ 700,00 (setecentos reais) a R\$ 900,00 (novecentos reais), no período da safra da cana. São poucos os trabalhadores que conseguem atingir um salário de R\$ 1.000,00 (hum mil reais).

Pode-se dizer que a salário do trabalhador canavieiro depende tanto do tipo de cana que o mesmo corta durante o mês, como da sua resistência física. O trabalhador que excede sua capacidade física acaba sofrendo as consequências de seu esforço. Este esforço além do que lhe é possível, muitas vezes tem como objetivo adquirir bens de consumos, como televisão, geladeira, sofá etc., como citou o entrevistado enquanto dava entrevista, apontando para os móveis da

casa que comprou. E falou com satisfação tê-los comprado à vista. Portanto, não deve a ninguém.

As canas a serem cortadas são classificadas em cana queimada e cana crua. A cana queimada sofre a queima para facilitar o corte, além de apresentar outras vantagens, como: não tem palhas que causam coceiras, não são encontradas após a queima cobras e outros insetos peçonhentos, até mesmo formigas.

A cana queimada destina-se à produção de álcool e açúcar. Sem dúvida, a queima da cana facilita o seu corte. Porém, quando se queima a cana, muitas vezes a terra fica aquecida até o outro dia, no reinício da jornada. Se por um lado a sua queima facilita o corte para o trabalhador, por outro lado, durante sua jornada de trabalho ele fica exposto à poeira e à fuligem da cana queimada, que impregnam o rosto, as mãos e a roupa. Essa fuligem da cana causa irritação nos olhos, nariz e garganta, nos trabalhadores e na população dos municípios do Vale do São Lourenço. Portanto, a poluição ambiental é uma das suas consequências, que traz consigo prejuízos ao meio ambiente e à saúde das pessoas.

A cana crua é destinada para o plantio. O processo de corte é o mesmo da cana queimada. A vantagem de cortar a cana crua é que o trabalhador

quase não se suja. Porém, o processo de corte é mais difícil porque as palhas atrapalham os trabalhadores, que devem ter cuidados redobrados com insetos e animais peçonhentos que se escondem nas touceiras de cana, além do risco das palhas baterem nos olhos e rosto, machucando-os.

Para cortar a cana, tanto a crua quanto a queimada, o trabalhador abraça um feixe delas e vai batendo o facão até cortar todas. A quantidade de cana cortada num feixe depende da pessoa e da cana; pode variar de três até cinco canas por feixes; alguns trabalhadores conseguem abraçar até mais de cinco canas.

A ex-cortadora de cana, Dona Maria Ramos Mestre, me fez o seguinte relato

Logo no início que nós começo a cortá cana, eu era jovi ainda, tinha força, eu abraçava té seis cana numa vez e cortava. As muiéficava tudo boba de vê (...) falava pra eu num fazê aquilo que eu num ia guentá (...) Quando eu saí da usina eu tava cortando só duas cana por feixe (...).

De acordo com a fala dessa ex-trabalhadora canavieira, é possível perceber que com o passar do

tempo a produção desses trabalhadores vai caindo, devido a acúmulo de cansaço e problemas de saúde que os mesmos vão adquirindo com o trabalho desgastante.

Para a realização do corte da cana, uma ferramenta é de fundamental importância – o facão. O tipo de facão utilizado pelo trabalhador canavieiro pode implicar muito no resultado de sua produção. Existem vários tipos de facão: o facão de cabo curto, segundo os trabalhadores, não são muito bons, pois exigem um maior esforço físico e possibilitam a ocorrência de acidentes, como cortes nos joelhos e nas pernas. O facão de cabo cumprido, segundo eles, é melhor, pois além de oferecer maior segurança para o trabalhador, permite cortar um maior número de canas por vez em uma só batida, diminuindo o esforço do braço e da coluna. Tem ainda o facão de cabo pranchado que permite um corte rente ao solo, não deixando tocos altos, evitando assim, que o trabalhador raspe a mão no chão ao cortar as canas. A utilização de cada tipo de facão depende de cada trabalhador: cada um escolhe o que acha melhor para a sua labuta.

Assim como o facão é fundamental para o labor dos cortadores de cana, a lima é outro instrumento que jamais pode ser esquecido em casa pelo trabalhador, pois os facões precisam ser amolados constantemente.

Por isso, cada trabalhador tem sua lima, que fica sempre guardada em protetores de madeira, PVC etc., para evitar que suje, fique úmida e crie ferrugem.

A cana deve ser cortada bem rente ao solo para evitar desperdício de gomos. Porém, deve-se ter o cuidado para não atingir a raiz, o que prejudicaria sua rebrota. Muitos trabalhadores ao cortar e amontoar as canas, deixam outras sem cortar, no meio das que estão cortadas. A esse procedimento os trabalhadores chamam de “jacarés”. Isso é proibido, porém muitos trabalhadores o fazem a fim de aumentar o volume das canas ao serem medidas pelo compasso.

Quando o fiscal constata um fato desses, geralmente por meio de outros trabalhadores que contam para o mesmo, ele pode aplicar “gancho” (suspensão do trabalho sem remuneração) de até três dias para o trabalhador que usou de má fé.

Além do corte da cana propriamente dito, no setor canavieiro existe outro tipo de trabalho, que é desenvolvido exclusivamente por mulheres, chamado de “bituca”. A bituca é a denominação que se dá para o trabalho em que as mulheres saem no meio das lavouras ajuntando os restos das canas que as máquinas deixam cair. Esses restos vão sendo ajuntados, compondo novas ruas de canas cortadas, que posteriormente

serão recolhidas novamente pelas máquinas e carregadas pelos caminhões.

Embora na bituca as mulheres não precisem dar golpes de facão para cortar a cana, elas precisam abaixar-se constantemente para recolhê-las. É muito frequente as reclamações de dores na coluna por parte das “bituqueiras”.

Este setor foi delegado exclusivamente para as mulheres, pelo fato de o chefe da usina considerar “*um trabalho mais leve, o qual não seria tão desgastante para elas*”, é o que afirma o presidente do Sindicato Rural de Jacira, Francisco Canindé. Se este trabalho é mais leve, dá para imaginar os demais, o que parece não despertar atenção do sindicalista^v.

O fato de existir um setor no qual o trabalho é desenvolvido exclusivamente por mulheres, não significa que as mulheres em geral não “pegam no facão”. Como vimos anteriormente, é expressivo o contingente de mulheres que labutam no corte da cana, a exemplo das entrevistadas Nely R. Mestre entre outras.

De forma geral, pode-se afirmar que no setor canavieiro não existe distinção de trabalho entre mulheres e homens, todos trabalham de igual forma, inclusive, segundo alguns entrevistados, há mulheres

que produzem mais que muitos homens. Ou seja, há mulheres que cortam mais cana que homens.

Geralmente as refeições são feitas entre as 11:00h e 12:00h, o que não impede o trabalhador de fazê-las antes ou depois desse horário, como a trabalhadora Nely, que prefere fazer sua refeição assim que chega na lavoura e continuar trabalhando direto até dar a hora de ir embora.

Mas se “preferirem”, os trabalhadores podem fazer suas refeições em outros locais, como por exemplo: debaixo da sombra de alguma árvore quando possível encontrar, ou até mesmo nas ralas sombras das próprias canas. Isso acontece com frequência, quando todos os trabalhadores resolvem parar para almoçar no mesmo horário, pois as mesas, cadeiras e sombra do toldo não comportam todos eles juntos.

À medida que vão cortando as canas, eles vão arrastando também a mochila de comida e a garrafa de água, para não ficarem muito longe e não perderem tempo para buscá-las. Também não há no ambiente de trabalho lugares adequados para guardarem suas marmitas, garrafas de água e outros alimentos. Isso implica, muitas vezes, na deterioração dos alimentos que ficam diretamente expostos ao sol, o que

representa outro risco à saúde do trabalhador: infecção por ingestão de alimento deteriorado.

O setor canavieiro se apresenta como um espaço onde inúmeras experiências podem ser provadas por quem nele trabalha. Essas experiências marcam a vida de todos os trabalhadores, sejam elas boas ou ruins.

Os risos, as cantarolas, as piadas, as fofocas de novelas e da vida alheia, as amizades, namoros e até casamentos, são experiências que ficam na memória de quem já trabalhou no setor canavieiro e de quem continua trabalhando.

Da mesma maneira, as experiências ruins também marcam esses trabalhadores, como mortes de colegas de trabalho, doenças adquiridas por conta do trabalho desgastante, sentimento de culpa por não poder fazer nada diante de uma tragédia, as relações de autoritarismo entre fiscais e cortadores de cana etc., são marcas que eles nunca esquecem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante os depoimentos dos trabalhadores canavieiros que ouvi, constatei que o Vale do São Lourenço é um espaço de inúmeras vivências, habitado

por pessoas nele nascidos, e outras, vindas de diferentes regiões do Brasil, principalmente migrantes nordestinos – alguns que já se fixaram na região, e outros que só vem nos períodos de safra.

Entre eles, muitas diferenças podem ser percebidas, expressas nos costumes, muito notórias na linguagem, nos modos de vestir, de se relacionar com as pessoas, entre outras, o que coloca a todos que moram na região do Vale do São Lourenço o desafio de conviver com essas diferenças.

Muitos trabalhadores sazonais locais já se adaptaram a este modo de viver, em que trabalham entre os meses de abril e novembro, tendo que esperar o início da outra safra para voltar a trabalhar. Por isso, alguns fazem suas economias para sobreviver durante este período em que não estarão trabalhando na usina, que é chamado por eles de “entressafra”. Outros trabalhadores não aguardam o início de nova safra para voltar a trabalhar: buscam fazer biscates até voltarem para a usina.

Outros trabalhadores migrantes sazonais permanecem na região somente até o fim da safra da cana de açúcar e depois retornam para suas cidades de origem. Estes, vem trabalhar na região com os objetivos de juntar dinheiro e mandar para seus familiares, que

ficaram em suas cidades de origens. O salário que ganham aqui no Mato Grosso, com o corte da cana, grandemente é satisfatório para eles, quando comparado ao que ganhavam em suas cidades e ao próprio custo de vida de lá.

Estes, que não se fixam no Vale do São Lourenço, convivem diariamente com o sentimento de saudade de seus familiares que lá deixam, pois passarão meses sem se verem, comunicando-se apenas por telefone.

Já, os trabalhadores que vem com seus familiares, encontram facilidade em se adaptar na região, pois encontram hospitalidade em seus moradores, conseguem comprar bens de consumo etc., o que lhes deixa satisfeitos, ajudando-os, talvez, a conviver melhor com a saudade dos que lá ficaram.

O motivo pelo qual o Vale do São Lourenço atrai tanto os trabalhadores nordestinos está quase sempre ligado a reportagens veiculadas em seus lugares de origem, que mostram o estado do Mato Grosso como um estado rico e promissor, embora essa riqueza não seja igualitária distribuída, como sabemos, para todas as camadas da população do estado. Essas notícias chegam ainda por parte de outros trabalhadores que já estiveram na região e que lá chegam, contando sobre a possibilidade de obterem “empregos bons” em que

“ganhem bem”, dessa maneira despertando a atenção de outros trabalhadores sobre a região do Vale do São Lourenço.

As entrevistas realizadas com trabalhadores de diferentes faixas etárias, do sexo feminino e masculino, dos quatro municípios, possibilitaram-me também detectar algumas mudanças ocorridas no setor canavieiro, dos anos de 1972, em que se iniciaram as migrações de nordestinos para a região, até o ano de 2012, em que a pesquisa foi realizada.

A leitura de algumas imagens, somada aos depoimentos de alguns entrevistados, possibilita perceber que hoje as condições de trabalho no setor canavieiro no Vale do São Lourenço não são mais as mesmas de alguns anos atrás.

Aqui assinalo como mudanças ocorridas no referido período, a própria legislação trabalhista que proíbe o trabalho infantil e assegura direitos aos trabalhadores; as formas de medição do preço da cana cortada, antes por toneladas, hoje por metros; o local das refeições, hoje, ainda que precário, sob um toldo com mesas e cadeiras, antes em qualquer lugar que trabalhador encontrasse alguma sombra; os banheiros químicos, antes inexistentes, a presença de inúmeras

máquinas que dividem as lavouras com os trabalhadores, entre outras mudanças.

Reiterando o que já foi dito, essas mudanças só ocorreram em virtude da observância à legislação trabalhista, somada aos esforços e lutas dos trabalhadores, inclusive por meio de greves, e elas não ocorreram em uma curta duração, mas em um processo lento e longo.

Cabe ainda ressaltar as permanências nesse mundo do trabalho, bem como a identidade desses trabalhadores, que desde a implantação das usinas na região são em sua maioria migrantes nordestinos, vindos, sobretudo dos estados da Bahia, Maranhão e Pernambuco. A pluralidade de atividades desenvolvidas dentro desse setor, bem como o plantio da cana, a “carpa da cana”, a queima e o corte da cana também podem ser identificados como uma permanência durante o período estudado.

São grandes as dificuldades enfrentadas no dia a dia no setor canavieiro, e são exatamente essas dificuldades que unem esses trabalhadores a fim de superarem as mesmas. Dessa maneira estabelecem as melhores relações possíveis. Essas relações são fortemente expressas na partilha da comida; no ato de um trabalhador ajudar o outro colega, para terminar de

cortar seu eito de cana, a fim de que não haja prejuízo na sua produção e diminuição de seu salário etc., e em inúmeros outros momentos.

Dessa maneira, ouvindo desses trabalhadores do setor canavieiro localizado na região do Vale do São Lourenço, suas experiências de vida, assegurando-lhes a fala, eles passam de um estágio de invisibilidade, para neste meu estudo serem vistos e ouvidos como protagonistas da história, retornando “(...) como sujeitos, não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas (...) e em seguida (...) agem, por sua vez sobre sua situação determinada”^{vi}. Agem ajudando um colega no aumento da sua produção; agem partilhando a refeição; agem declarando a não aceitação do autoritarismo de quem lhes é superior; agem tentando salvar outro trabalhador de uma situação de perigo; agem sofrendo e chorando a morte de companheiros de trabalho; agem fazendo amigos, convivendo, conversando, sorrindo; agem voltando a amar, casando-se, constituindo família, agem...agem..., e é verdade: nem sempre a favor de si mesmos. Mas essa é outra história, e para conhecê-la é preciso que se façam novos estudos!

REFERÊNCIAS

Fontes orais

Antônio Carlos, entrevista concedida em 09 de janeiro de 2012.

Arnaldo de Freitas, entrevista concedida em 30 de janeiro de 2012.

Elias Flores, entrevista concedida em 08 de janeiro de 2012.

Elizaldo de Souza Barbosa, entrevista concedida em 05 de fevereiro de 2012.

Francisco Canindé, entrevista concedida em 20 de julho de 2012.

Francisco da Silva Pereira, entrevista concedida em 02 de fevereiro de 2012.

João Camargo, entrevista concedida em 03 de fevereiro de 2012.

Joelson de Souza Leite, entrevista concedida em 18 de julho de 2012.

Maria Justina, entrevista concedida em 08 de janeiro de 2012.

Maria Ramos Mestre, entrevista concedida em 10 de janeiro de 2012.

Nely Ramos Mestre, entrevista concedida em 10 de janeiro de 2012.

Nelson Ramos Mestre, entrevista concedida em 10 de Janeiro de 2012.

Paulo André, entrevista concedida em 18 de julho de 2012.

Rosângela Martins dos Santos, entrevista concedida em 08 de fevereiro de 2012.

Valdelice de Souza Barbosa, entrevista concedida em 05 de fevereiro de 2012.

Bibliografia

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales – 1929 – 1989. A Revolução Francesa da Historiografia.** São Paulo: UNESP, 1991.

FENELON, Déa Ribeiro. **O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo.** In: História e Perspectivas. Universidade Federal de Uberlândia, MG, Curso de História, nº 6, 1992.

GOUBERT, Pierre. **História Local.** In revista História e Perspectivas. Uberlândia: COCHI/UFU, nº 6, 1992.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história.** Paz e Terra, São Paulo, 1992.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História.** 2ª Ed. rev. – São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MATTOSO, José. **A Escrita da História.** Teorias e Métodos. Lisboa: Editorial Estampa, 1997, p.171.

NOVAES, José Roberto Pereira. **Trabalho nos canaviais: os jovens entre a enxada e o facão.**

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente.** Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História edo Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, (14), fev., 1997.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a Ética na História Oral.** In: Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História edo Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, (15), abr., 1997.

SANTOS, Ana Michelle Ferreira Tadeu dos. SOUZA, Francilane Eulália de. **O doce amargo na superexploração do trabalhador canavieiro no município de Itaberai.**

SILVA, Marcos. **A história e seus limites.** In: revista História e Perspectivas. Uberlândia: COCHI/UFU, nº 6, 1992.

SOUZA, Regina Maria de. **Trabalho e vivência cotidiana no complexo canavieiro: a experiência do migrante nordestino em Iturama-MG.** Anais IV SIPEQ – ISBN – 978-85-98623-04-7.

Recebido em: 01/07/2016

Aprovado em: 01/08/2016

Publicado em: 06/08/2016

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral.** Paz e Terra, 3ª Ed. Rio de Janeiro, 1992.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo [et alii]. **A pesquisa em história.** São Paulo : Ática, 1998.

WILLIAMS, Raimond. **Marxismo e literatura.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

NOTAS

ⁱ Entrevista realizada com Sr. Francisco Canindé, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jaciara, em 20 de julho de 2012.

ⁱⁱ SILVA, Marcos. **A história e seus limites**. In: revista História e Perspectivas. Uberlândia: COCHI/UFU, 1992, nº 6, p. 60-1.

ⁱⁱⁱ Não foi meu objetivo neste estudo aprofundar-me nesses dois aspectos, o que pode ser instigante a uma nova pesquisa.

^{iv} Entrevista realizada com o Sr. Elizaldo de Souza Barbosa, cortador de cana na Usina Jaciara, em 05 de fevereiro de 2012.

^v Penso que a realização de um estudo sobre o Sindicato dos Trabalhadores Rurais mencionado no meu estudo seria bastante interessante, o que deixo como sugestão.

^{vi} THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 182.